

Gregório de Nissa: O homem como imagem de Deus

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Gregório nasceu pelo ano 335. Educado por seu irmão mais velho, Basílio, Gregório sempre se refere a ele como a seu pai e mestre. Depois de ocupar o cargo eclesiástico de leitor, optou por ser retor. Decidindo-se pela espiritualidade, isolou-se em Neocesareia, na companhia de sua mãe e irmã. Em 371, tornou-se Bispo de Nissa, sendo ordenado pelo próprio irmão. Mais afeito à teologia que aos assuntos relacionados à política eclesiástica, enquanto teólogo Gregório mostrou-se de uma ortodoxia acima de qualquer suspeita. Foi deposto do episcopado em 376, devido à forte perseguição que sofria por parte dos arianos. Todavia, em 378, após a morte do imperador Valente, retomou à sua cátedra, tendo sido recebido triunfalmente pelos seus diocesanos. Participou do segundo Concílio de Constantinopla, vindo a falecer em 394.

Neste artigo, versaremos sobre os fundamentos da *antropologia*, da *teologia* e da *ética soteriológica* de Gregório. Veremos que, para ele, o homem é o elo entre o mundo sensível e o mundo inteligível. Tentaremos perceber de que modo ele parte da racionalidade humana para provar a existência de Deus, e como nos remete a analogias com a vida espiritual do homem quando trata do dogma da Trindade. Ademais, falaremos acerca da sua ética, segundo a qual o próprio fato de o homem ter sido criado a partir do nada, fá-lo mutável e, *ipso facto*, capaz de escolher entre o bem e o mal. Verificaremos que o homem escolheu mal e, por preferir as coisas sensíveis às inteligíveis, teve a imagem de Deus obscurecida em sua alma. Observaremos ainda o fato de que, para Gregório, é somente a reunião íntima do homem com Deus, mediante a fé e a caridade, que poderá restaurar a imagem de Deus no homem e fazer com que este se redescubra como tal. Nisto consiste a salvação do homem para o Niceno. Por fim, teceremos as considerações finais ao texto.

Para nossa exposição, valer-nos-emos da *Coleção Patrística*, nº 29, da *Paulus*. Nela encontram-se, condensadas num só volume, três obras do Niceno, arroladas na íntegra e traduzidas para o vernáculo por Bento Silva Santos: *A Criação do Homem*¹, *A alma e a Ressurreição*² e *A Grande Catequese*³. Lançaremos mãos também da síntese invulgar do pensamento filosófico de Gregório feita por Étienne Gilson, em *La Philosophie au Mon Âge. De Scot Érigène à Guillaume d’Occam* (1922), na versão modificada – *La Philosophie au Mon Âge. Dès Origines Patristiques à la Fin du XIV* – de 1944. A tradução que seguiremos, no caso, será a brasileira, feita por Eduardo Brandão e lançada pela editora *Martins Fontes*, em 1995: *A Filosofia na Idade Média*. Por fim, ainda recorreremos à *História da Filosofia Cristã. Desde as Origens até Nicolau de Cusa* (1951) – parceria de Gilson com Philotheus Boehner –, trazida para o vernáculo pelo Prof. Raimundo Vier, em 1970, a partir da edição alemã: *Christliche Philosophie – von ihren Anfängen bis Nikolaus von Cues* (1952 a 1954).

Passemos à análise da sua antropologia.

1. A antropologia

Para Gregório, o universo é constituído de dois mundos: o visível ou sensível e o invisível ou inteligível. Ele pontua:

Dois são os planos que o pensamento divisa na realidade, onde a especulação distingue o mundo inteligível e o mundo sensível. E nada poderia conceber-se fora desta divisão na natureza dos seres existentes. (...). De fato, a natureza do inteligível é uma realidade incorpórea, inapreensível e sem forma; a natureza sensível, ao

¹ Este tratado, cujo título latino é *De Opificio hominis* ou *De Hominis opificio*, Gregório o teria dedicado ao seu irmão mais jovem, Pedro. Segundo o próprio autor, a referida obra seria uma continuação do tratado *Sobre os Seis Dias (In Hexaemeron)* do seu irmão mais velho, Basílio. Na verdade, a presente obra obedece a uma ordem diferente da de Basílio e parece destinada a um público mais intelectualizado. Nela, Gregório tenta articular a origem do homem, segundo a narrativa bíblica do Gênesis, com uma manifesta *ontologia platônica*. O tratado, ao que tudo indica, parece ter sido composto no ano 378 e oferecido a Pedro no ano seguinte.

² O *Dialogus de resurrectione* fora composto entre o final do ano 380 (ou talvez 383) e 386. Ele teria ocorrido no dia anterior à morte de Macrina, irmã de Gregório – a quem chama de santa e mestra – num clima lúgubre, pois Gregório se via profundamente abalado pela morte do seu irmão mais velho, Basílio, a quem chamava de pai e mestre. Esta obra discorre sobre o destino da alma após a morte. O diálogo já foi nominado de “Fédon Cristão”.

³ A *Oratio catechetica magna* fora redigida para os catecúmenos, ou melhor, para quem os instruísse; tinha por objetivo mostrar, contra as objeções dos judeus e helenistas, que as verdades da fé não vão de encontro à razão. Não há consenso quanto à data da sua composição. Provavelmente ela teria vindo a lume antes de 381 e não depois do ano 387.

contrário, como o próprio nome indica, está sujeita à percepção dos sentidos.⁴

Ora, o homem, por seu corpo, está unido ao mundo sensível; por sua alma inteligível, encontra-se unido ao invisível. Assim sendo, o homem é o elo entre os dois mundos. É o que também pondera nosso teólogo:

De fato, creio que das palavras da divina Escritura nos seja dada grande e elevada doutrina: entre os dois extremos opostos um do outro, o homem é o meio entre a natureza divina e incorpórea e a vida sem razão dos animais. E no composto podemos constatar as duas ordens: do divino, a razão e a inteligência não admitindo a distinção em macho e fêmea, e do irracional ao qual participa a constituição somática dividida em macho e fêmea.⁵

Destarte, por sua racionalidade, o homem alcança o ápice da perfeição do mundo sensível.⁶ É superior aos animais que existem, nutrem-se e sentem, é superior às plantas que somente existem e nutrem-se, e ultrapassa, é evidente, também os seres inanimados que apenas existem.⁷ Na verdade, no homem encontram-se todos os graus da vida, pois ele nutre-se, sente e pensa.⁸ No entanto, seria errado deduzir daí que o homem possua três almas, visto que ele possui uma só (a racional), que contém todas estas faculdades. Afirma Gregório:

⁴ GREGÓRIO. **A Grande Catequese**. Trad. Bento Silva Santos. Rev. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulus, 2011. VI, 1. GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 68: “O universo se divide em duas zonas, a do mundo visível e a do mundo invisível”.

⁵ GREGÓRIO. **A Criação do Homem**. Trad. Bento Silva Santos. Rev. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulus, 2011. XVI. Esta participação no divino da qual nos fala Gregório é uma participação imitativa e não essencial, como se o homem tomasse parte na própria essência divina. Em diversos momentos Gregório afirma que Deus, por sua libérrima vontade, criou o homem a partir do nada, como expressão da superabundância da Sua bondade: *Idem. Ibidem*: “Mas a perfeição da sua bondade (*i.é*, da bondade de Deus), consiste em fazer passar o homem do não-ser ao ser e a levá-lo ao cumprimento não necessitado de algum bem.” (O parêntese é nosso). *Idem. A Grande Catequese*. V, 3: “Assim, pois, este Verbo de Deus, esta Sabedoria, esta Potência é, segundo nossa demonstração lógica, o Criador da natureza humana. Não que alguma necessidade o tenha levado a formar o homem, mas que produziu o nascimento de tal criatura pela superabundância de amor.”

⁶ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 68: “Em virtude dessa posição, ele (o homem) ocupa o cimo do mundo visível, na medida em que é um animal dotado de razão.” (O parêntese é nosso).

⁷ *Idem. Ibidem*: “Abaixo dele (o homem) escalonam-se os animais, que possuem a sensibilidade, o movimento e a vida; depois os vegetais, que não possuem uma alma perfeita, pois só podem crescer e nutrir-se; enfim, os corpos inanimados, desprovidos de força vital, mas condições da própria possibilidade da vida.” (O parêntese é nosso).

⁸ GREGÓRIO. **A Criação do Homem**. XIV: “O nosso discurso, descobriu três diferenças na potência vital: a primeira, “nutritiva”, não tem sensação; a segunda, nutritiva e sensitiva ao mesmo tempo, não tem atividade racional; enfim, a última, racional e perfeita, se expande através de todas as outras, de sorte que ela está presente em todas e na inteligência em sua parte superior.” GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 68: “O homem contém em si todos os graus da vida: ele vegeta como as plantas, move-se e percebe como os animais, e raciocina, porque é homem.”

Entretanto, não se deve concluir que o composto humano seja formado por uma mistura de três almas (...). Na realidade, a alma, em sua verdade e perfeição, é uma por natureza, sendo, ao mesmo tempo, inteligível e sem matéria, ligada à natureza material através das sensações.⁹

Agora bem, a alma, de um modo geral, pode ser definida como um *princípio que anima um corpo*. Desta sorte, a *alma racional* do homem é uma substância que, unida ao corpo, dá vida e sensibilidade a ele.¹⁰ Ela não existe antes do corpo; do contrário seríamos levados a afirmar a possibilidade da transmigração das almas¹¹, o que é inadmissível não somente do ponto de vista cristão, mas também por causa da própria natureza de cada espécie.¹² De fato, como pensar que uma alma racional possa habitar uma planta ou a alma de um animal, destituída de racionalidade, passe a habitar um homem?¹³ Tampouco a alma existe depois do corpo, pois um corpo sem alma não é um corpo e sim um cadáver.¹⁴ Logo, em virtude da estreita unidade do composto, só nos resta afirmar que a alma passa a existir simultaneamente ao corpo. No-lo diz o próprio Niceno:

Uma vez que o homem é uno, em sua composição de alma e de corpo, seu ser não deve ter senão uma única e comum origem (...). Na criação dos seres particulares, uma coisa não precede à outra na existência: nem o corpo vem antes da alma, nem vice-versa: assim o homem

⁹ GREGÓRIO. **A Criação do Homem**. XIV. GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 68: “No entanto, não se deve concebê-lo como dotado de várias almas: sua razão contém em si as faculdades de viver e de sentir.”

¹⁰ GREGÓRIO. **Macrina**. 29 B. In: BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. p. 94: “(A alma é) uma substância criada, viva, e racional, que confere por si mesma a vida e a sensibilidade a um corpo organizado e suscetível de sensações, e isso enquanto durar a natureza que delas é capaz.” (O parêntese é nosso).

¹¹ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 68: “Gregório rejeita, aliás, expressamente, a preexistência da alma ao corpo, tese origeniana cujo corolário inevitável é a tese da transmigração das almas.” Vide a refutação pormenorizada da tese da preexistência da alma e seus corolários: GREGÓRIO. **A Alma e a Ressurreição**. Trad. Bento Silva Santos. Rev. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulus, 2011. V.

¹² GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 68: “Ora, a transmigração não é apenas inaceitável para um cristão, é também contrária à distinção manifesta das espécies animais.”

¹³ GREGÓRIO. **A Criação do Homem**. XXVIII: “Aqueles que defendem o primeiro discurso e julgam precedente à vida no corpo a comunidade de almas, não me parece que se tenham purificado dessas doutrinas imaginadas pelos Gregos sobre a metempsicose. Quem procurasse com diligência acerca disso, acharia que, para esses, o discurso é arrastado para aquele que dizem que tenha pronunciado um dos seus sábios: ele nasceu homem, se reveste de um corpo de mulher, voa entre os pássaros, torna-se arbusto e termina por viver nas águas. Se este sábio diz essas coisas de si mesmo, segundo minha opinião, não me parece longe da verdade. Verdadeiramente, essas opiniões que dizem que uma só alma passa através destas situações são da irracionalidade dos peixes ou da insensibilidade dos carvalhos; a causa desta opinião absurda é a crença na preexistência das almas.”

¹⁴ *Idem*. *Ibidem*. XXIX: “De fato, toda carne, se ela não tem alma, está completamente morta, a morte sendo a privação da alma. Ora, ninguém poderá dizer que a privação é anterior à posse, como se alguém sustentasse que o inanimado que está morto venha antes da alma.” GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 68: “Do mesmo modo que não existe antes de seu corpo, a alma não pode ser criada depois dele, pois um corpo inanimado não é verdadeiramente um corpo, mas um cadáver.”

dividido por uma diferença temporal estaria em contradição consigo mesmo.¹⁵

Portanto, no germe humano, no momento mesmo da concepção, já está contido, em potência, o homem inteiro. Afirmá-lo-á o Bispo de Nissa:

Com efeito, a configuração do futuro homem aí já está (*i.é, no embrião*) em potência, mas a alma está escondida, uma vez que ela não pode manifestar senão segundo a ordem lógica.¹⁶

Decerto que é de acordo com o desenvolvimento dos órgãos corpóreos, presidida pela própria alma, que mesma a alma vai desenvolvendo as suas funções.¹⁷ Ligada, pois, a toda atividade do corpo, a alma está toda presente em todo o corpo e ao mesmo tempo, de acordo com a operação que realiza em cada uma de suas partes.¹⁸ Conseguimos atestar isto quer pela atividade, quer pela unidade de todo o corpo. Com efeito, se um órgão está doente, a ação da alma se subtrai; dá-se o mesmo com o músico que não consegue exercer a sua arte se o seu instrumento encontra-se inapto. Leiamos as palavras do próprio Gregório:

Na realidade, todo o corpo é construído à maneira de um instrumento musical. Como acontece frequentemente aos cantores que estão impossibilitados de mostrar o seu talento, pois o instrumento está fora de uso, se desgastou com o tempo ou quebrou-se em uma queda ou a ferrugem e o abandono o tornaram inutilizável, de sorte que permanece sem som, mesmo se é um flautista de primeiro valor que o toca, da mesma maneira a inteligência, que se comunica a todo o seu instrumento, adaptando-se convenientemente às atividades inteligíveis em conformidade com a sua natureza, exerce a própria atividade nas partes que se encontram no estado natural; mas onde a fraqueza de uma parte se opõe à sua operação, ela permanece sem eficácia (...).¹⁹

¹⁵ GREGÓRIO. *A Criação do Homem*. XXIX. *Idem. Ibidem*: “Assim, nem a alma existe antes do corpo nem o corpo existe separadamente da alma, mas um só é o princípio de ambos, segundo uma lógica fundada na vontade de Deus.” GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. pp. 68 e 69. “Portanto, é necessário que o corpo e a alma sejam criados simultaneamente por Deus.”

¹⁶ GREGÓRIO. *A Criação do Homem*. XXIX. (O parêntese é nosso). GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 69: “O germe humano, produto da concepção, já contém em si, conquanto ainda não visível, o homem inteiro.”

¹⁷ GREGÓRIO. *A Criação do Homem*. XXIX: “Assim também a alma está no embrião, mas não visível: ela se manifestará em sua atividade segundo a natureza, acompanhando o crescimento do corpo.”

¹⁸ *Idem. Ibidem*. XIV: “Desejávamos mostrar que a inteligência não está ligada a uma parte do corpo, mas se junta igualmente a todas comunicando o movimento em conformidade com a natureza da parte submetida.” GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 69: “Os filósofos atribuíram à alma diferentes sedes, mas deve-se, antes, admitir que, como o corpo é vivo em todas as suas partes, a alma está presente em todo ele ao mesmo tempo.”

¹⁹ GREGÓRIO. *A Criação do Homem*. XII.

Agora bem, uma vez unida ao corpo, a alma nunca mais se separa dele. Mesmo no caso da morte, permanece, de certo modo, unida a ele.²⁰ Sem embargo, embora com a morte os elementos do corpo se dispersem ou se misturem a outros elementos estranhos à alma, por sua espiritualidade, a alma consegue manter-se unida aos elementos que um dia constituíram o seu corpo. É o que destaca o Bispo de Nissa:

Assim nada impede a alma de ficar unida aos elementos do corpo, pouco importando que estes se encontrem unidos e mesclados, ou dispersos e separados.²¹

Passemos à análise dos pontos referentes à sua teologia natural.

2. A teologia

O homem, como já apontamos, é um animal racional. Dotado de pensamento, ele é capaz de expressar o que pensa por meio da palavra.²² Além disso, podemos notar que é em virtude de ser um ser pensante que o homem se torna capaz de ordenar as suas atividades e as próprias coisas que o rodeiam.²³ Agora bem, é inegável que também o mundo goza de uma ordem²⁴; é impossível negar a harmonia dos seres que se misturam.²⁵ Ora, da mesma forma que percebemos a espiritualidade da alma humana por sua atividade ordenadora, também devemos admitir que existe um ser pensante que governa e ordena todo o cosmo. Destarte, a

²⁰ *Idem. Ibidem.* XVII: “Em consequência, como o aspecto exterior do corpo permanece na alma que é como a marca em relação ao selo, os materiais que com a marca modelaram a forma não permanecem desconhecidos à alma (...)”. BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** p. 69: “Preludiando curiosamente idéias que Leibniz sustentará mais tarde, Gregório estima que, mesmo depois da morte, a alma nunca se separa dos elementos que compunham seu corpo.”

²¹ GREGÓRIO. **Macrina.** 44 C-48 C. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 96.

²² GILSON. **A Filosofia na Idade Média.** p. 69: “O homem é um animal racional porque tem um pensamento (*nous*) que se exprime por um verbo (*logos*).”

²³ *Idem. Ibidem:* “A existência desse pensamento é vista pela maneira como o homem se comporta e como cria ordem à sua volta.” Através da persuasiva argumentação de Macrina, que Gregório venera como “santa” e “mestra”, ele próprio admite que o homem é um microcosmo: GREGÓRIO. **A Alma e a Ressurreição.** I: “Ela (*i.é.* Macrina) me disse: ‘Os sábios dizem que o homem é um microcosmo que contém em si mesmo os elementos dos quais o universo está repleto. Se esta teoria é justa, e parece que o seja, não teremos talvez necessidade do socorro de um segundo argumento para que sejam solidamente confirmadas as nossas suposições sobre a alma.’” (O parêntese é nosso).

²⁴ GILSON. **A Filosofia na Idade Média.** pp. 69 e 70: “Ora, também há ordem no mundo.”

²⁵ Vide: GREGÓRIO. **A Alma e a Ressurreição.** I.

existência da alma atesta a existência de Deus e a existência de Deus comprova a existência da alma. Deveras, por sermos criaturas devemos primeiro conhecer a criatura, para, partindo dela, chegarmos a conhecer a Deus. Onde, para Gregório, é conhecendo a si mesmo enquanto imagem, que o homem chegará à evidência da existência daquele de quem é imagem: Deus²⁶:

De fato, pode-se dizer indiferentemente que a prova da existência de Deus garante a existência da alma, ou que a prova da existência da alma garante a existência de Deus; mas é da criatura que se deve partir, se se quiser conhecer a natureza de Deus, na pequena medida em que é conhecível. Aqui, feito à imagem de Deus, o homem se impõe como ponto de partida.²⁷

No *Diálogo* entre Gregório e Macrina, esta defende que se pode, indiferentemente, provar a existência da alma pela existência de Deus ou a existência de Deus pela da alma. O texto sugere, no entanto, que se parta da constatação da existência da alma para se chegar, então, à existência de Deus, advertindo, ademais, que, embora pela alma possamos chegar até Deus, não podemos alcançá-lo plenamente, posto que a imagem dista infinitamente do seu modelo. É o que Macrina acentua a Gregório:

A natureza incriada revela o modelo com os mesmos meios com os quais a natureza criada revela a imagem: como em um pequeno pedaço de vidro exposto aos raios [do sol] se vê todo o disco solar que aparece não em sua real grandeza, mas somente na medida consentida pela pequenez do fragmento, assim também, na pequenez da nossa natureza, refulgem as imagens das inefáveis propriedades da divindade; deste modo, a razão, conduzida por estas como pela mão, uma vez rejeitadas as propriedades corpóreas no exame da questão, não se afasta da compreensão do intelecto, nem, de outro lado, considera iguais entre si a natureza infinita e pura e aquela pequena e caduca. Esta julga que a substância do intelecto é inteligível, mas não chega a afirmar que a imagem é idêntica ao modelo.²⁸

²⁶ *Idem. Macrina*. 41 C. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 101: “Pois o que é criado segundo a imagem é em tudo semelhante ao protótipo.”; *Idem. Ibidem*: “(...) assim a nossa natureza limitada reflete as propriedades inefáveis da Divindade.” GREGÓRIO. **A Alma e a Ressurreição**. II: “Aquilo que nasceu como imagem (*i.é.*, a alma humana enquanto imagem de Deus) é, plenamente, semelhante ao modelo (...). Todavia, não tem as suas mesmas propriedades naturais: se fosse de todo idêntico ao modelo, não seria mais uma imagem.” (O parêntese é nosso).

²⁷ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 70.

²⁸ GREGÓRIO. **A Alma e a Ressurreição**. II. Alguns veem neste texto, em suas “razões seminais”, a *doutrina da analogia*, que ressalta tanto a semelhança quanto a dessemelhança entre a criatura e o Criador. Outrossim, encontram nele uma nítida a prevalência da *teologia apofática* (*i.é.*, negativa) sobre a *teologia catafática* (*i.é.*,

Mas, afinal, como ascendemos de nós mesmos a Deus? Sem embargo, nós temos um verbo que expressa a racionalidade do nosso pensamento. Ora, Deus, do qual somos imagem, deve ser concebido como um pensamento. Sendo assim, Ele também deve possuir um Verbo que expresse a Sua racionalidade.²⁹ Este Verbo, no entanto, não é como o nosso, passageiro; ele permanece, tem vida própria.³⁰ Como subsiste, este Verbo também tem vontade, e, por se tratar de um Verbo divino, esta vontade é boa e onipotente.³¹ Destarte, assim como o nosso verbo não se separa do nosso pensamento ao expressá-lo, também o Verbo de Deus Lhe é consubstancial. Ademais, como ao proferir o nosso verbo emitimos um alento, o Pai, ao proferir o Seu, emite também o Seu alento, que é o Espírito Santo. Enfim, como o nosso alento procede da unidade de alma e corpo, o Espírito Santo procede da unidade do Pai e do Filho.³² Desta forma, a razão nos dá um testemunho eloquente da vida da Trindade e ajuda-nos a refutarmos os erros dos judeus e dos gregos. Os judeus, embora admitam a unicidade de Deus, ignoram a distinção das pessoas; os gregos, ao contrário, multiplicam as pessoas, por desconhecerem a unidade.³³ Como Pedro, Paulo e Barnabé são três pessoas com uma mesma essência humana, Deus é, verdadeiramente, três pessoas em uma única essência. A diferença consiste no seguinte: enquanto Pedro, Paulo e Barnabé são três homens, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus.³⁴

Passemos à consideração do que concerne à ética soteriológica de Gregório.

afirmativa ou positiva). Com efeito, pelas criaturas, inclusive o homem, podemos saber mais o que Deus não é do que o que Deus é.

²⁹ GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 70: "(...) Deus deve ser concebido primeiramente como um Pensamento supremo, que gera um Verbo em que esse Pensamento se exprime."

³⁰ *Idem. Ibidem*: "Como se trata de um Verbo divino, não se deve concebê-lo instável e passageiro como o nosso, mas eternamente subsistente e vivendo uma vida própria."

³¹ *Idem. Ibidem*: "Já que vive, o Verbo também é dotado de vontade e, como é divina, essa vontade é, ao mesmo tempo, onipotente e totalmente boa."

³² *Idem. Ibidem*: "Do mesmo modo como o nosso verbo mental imita a geração eterna do Verbo e que sua inseparabilidade de nosso pensamento exprime a consubstancialidade do Verbo e do Pensamento, também o alento emitido por nosso corpo animado imita a processão do Espírito Santo e, como a respiração procede da unidade entre o corpo e a alma, o Espírito Santo procede, ao mesmo tempo, do Pai e do Filho."

³³ *Idem. Ibidem*: "A razão presta, pois, testemunho à verdade do dogma trinitário e confirma a superioridade da noção cristã de Deus sobre as noções dos judeus e pagãos. Porque os judeus conhecem a unidade da natureza divina, mas ignoram a distinção das pessoas; ao passo que os pagãos multiplicaram as pessoas sem conhecerem a unidade dessa natureza."

³⁴ *Idem. Ibidem*. p 71: "Se se compreende que Pedro, Paulo e Barnabé são três pessoas distintas, embora haja uma só essência do homem, também se pode compreender que haja três pessoas divinas e que, porém, exista um só Deus. A diferença está em que a linguagem nos autoriza a dizer que Pedro, Paulo e Barnabé são três homens, ao passo que dizemos corretamente do Pai, do Filho e do Espírito Santo que são um só Deus."

3. Moral e Ética: A soteriologia de Gregório

Deus criou o homem e todas as coisas do nada e as criou por uma livre decisão de sua vontade, fruto da sua bondade.³⁵ Ora bem, o próprio fato de as coisas provirem do nada as faz mutáveis.³⁶ Vejamos o homem: ele foi criado livre, isto é, capaz de escolher entre o bem e o mal, e escolheu o mal.³⁷ Talvez o mais certo fosse dizer que o homem escolheu mal, pois o mal não é coisa alguma positiva, mas tão somente privação ou ausência do bem. É o que assevera o Niceno em encontradiças passagens:

Como a vista é uma atividade da natureza e a cegueira é a privação daquela atividade física, assim a mesma oposição ocorre entre a virtude e o vício. Não é, de fato, possível conceber a existência do mal senão como ausência da virtude. E como, ao apagar-se da luz, sobrevém a obscuridade, que não existe enquanto aquela está presente, assim também, enquanto o bem está presente em nossa natureza, o mal está privado em si de existência: é o apagar-se do elemento superior que determina a gênese do contrário.³⁸

E como dizemos que a cegueira se opõe à vista, não porque a cegueira exista por natureza em si mesma, mas porque a posse precede à privação, assim também afirmamos que o mal se entende como privação do bem, como uma sombra que sobrevém ao mesmo em que a luz se retira.³⁹

A natureza específica de todo o mal consiste na ausência do bem, pois não tem natureza própria, nem pode ser considerado substancial; porque nenhum mal existe em si mesmo fora da vontade; ao contrário, se assim o chamamos, é pela ausência do bem.⁴⁰

³⁵ *Idem. Ibidem*: “Criador do mundo e do homem, Deus produziu tudo de nada, por um ato livre da sua bondade.” GREGÓRIO. **A Criação do Homem**. XXIII: “Mas acreditamos que todas as coisas procedem de Deus, ouvindo a Escritura, que o diz. (...). Acreditamos que todas as coisas sejam possíveis à potência divina: conduzir ao ser aquilo que não é e dar ao que é as qualidades que lhe convêm.”

³⁶ *Idem. A Grande Catequese*. VI, 7: “Ora, a natureza incriada não é susceptível do movimento no sentido de mudança, de transformação ou de alguma alteração, e tudo isso que existe por criação está ligado naturalmente à mudança, uma vez que a mesma existência do criado tem a sua raiz na mudança, tendo o não-ser passado ao ser graças ao poder de Deus.” GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 71: “O simples fato de que as criaturas sejam tiradas do nada aparenta-as à mutabilidade.”

³⁷ GREGÓRIO. **A Grande Catequese**. V, 11: “Portanto, uma vez que o caráter próprio da liberdade é escolher livremente o objeto desejado, a causa de teus males não é Deus, que formou a tua natureza independente e livre, mas a vontade perversa que escolheu o pior em vez do melhor.” GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 71: “É o caso, em particular, do homem e de seu livre-arbítrio. Capaz de se decidir pelo bem ou pelo mal, o homem escolheu o mal.”

³⁸ GREGÓRIO. **A Grande Catequese**. V, 10-11.

³⁹ *Idem. Ibidem*. VI, 6.

⁴⁰ *Idem. Ibidem*: VII, 3.

No caso específico do homem, o mal consiste, de fato, em algo puramente negativo, a saber, em ele não ter escolhido aquilo que deveria.⁴¹ Neste sentido, podemos dizer que, de certa forma, o homem é o criador, o demiurgo do mal.⁴² A principal consequência deste pecado por escolher mal, foi que o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, teve esta imagem desfigurada, como que coberta por uma horrível máscara. Acerca disso, ressalta Gregório Niceno:

(...) por isso (*i.é.*, em razão do pecado) frequentemente a nossa miséria faz desconhecer o dom divino e, como uma horrível máscara, a paixão da carne recobre a beleza da imagem. Portanto, são desculpáveis aqueles que, voltando-se a considerar esses casos, criam dificuldade em admitir que [no homem] haja forma divina.⁴³

Agora bem, este mal da alma, que é o pecado, acabou atingindo também o corpo, pois o corpo é inseparável da alma. Assim, o corpo, que fora criado para a imortalidade, tornou-se mortal.⁴⁴

Na verdade, o pecado consistiu precisamente no fato de o homem ter-se voltado para as coisas sensíveis em detrimento das espirituais.⁴⁵ Deus, no entanto, em sua presciência e já em previsão da queda, criou o macho e a fêmea. Para Gregório, caso o homem não tivesse pecado, a reprodução do gênero humano seria semelhante a dos anjos. Por isso, na sua concepção, a divisão dos sexos não ocorreria não fosse o pecado. Para ele, foi em razão deste afastamento de Deus que os homens começaram a se reproduzir de forma semelhante aos animais. Em diversas ocasiões Gregório salienta esta sua concepção:

Foi pela impostura (do anjo mau) que a concupiscência entrou em nós, dando origem à nossa infelicidade. À paixão do prazer seguia-se a vergonha e o temor, e por isso já não ousavam apresentar-se ao Criador, mas cobriam-se de folhas e ocultaram-se na sombra. Depois disso, revestidos de peles mortais, foram desterrados para o país das

⁴¹ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 7: “Aliás, seria mais correto dizer que o homem escolheu mal. Porque o mal não é uma realidade positiva que se possa escolher; ele se reduz ao fato, puramente negativo, de que o homem não escolheu como devia.”

⁴² *Idem. Ibidem*: “É nesse sentido que se pode dizer que, de certa maneira, o homem tornou-se o criador e o demiurgo do mal.”

⁴³ GREGÓRIO. **A Criação do Homem**. XVIII. (O parêntese é nosso). BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 102: “A imagem de Deus desfigurou-se a ponto de tornar-se irreconhecível, como o rosto de quem teve a má sorte de cair na lama.”

⁴⁴ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 71: “Contaminado pela mácula da alma, de que é inseparável, o corpo tornou-se mortal.”

⁴⁵ *Idem. Ibidem*: “Consistindo o erro em preferir o sensível ao divino, é o elemento sensível que doravante predomina no homem.”

canseiras e da enfermidade; e ali inventou-se o *matrimônio* para servir de consolo e lenitivo à morte.⁴⁶

Portanto, Aquele que, como diz a profecia, conhece todas as coisas antes do nascimento, tendo seguido tudo de perto, tendo percebido com a presciência para onde terá se inclinado o movimento da liberdade humana de escolha, em plena posse de si mesma, em seu conhecimento do futuro estabeleceu para a imagem a diferença entre macho e fêmea, que não olha mais em direção ao arquétipo divino, mas, como se disse, torna-se familiar com a natureza irracional.⁴⁷

Aquele que conduz todas as coisas ao ser e que, em sua própria vontade, forma todo o homem segundo a imagem divina, repugna ver constituir-se a plenitude numérica das almas humanas pelas contribuições sucessivas das gerações; mas claramente tendo pensado, em sua plenitude, toda a natureza humana através da atividade de presciência e tendo-a ornada com uma condição elevada e angélica, uma vez que prevê com a potência da visão que a liberdade de escolha não teria avançado pelo caminho reto em direção ao bem, mas teria decaído da vida angélica, a fim de não mutilar o número total das almas humanas que perderam o modo de crescimento da espécie angélica, Deus, por esses motivos, dispôs para a nossa natureza um meio mais adaptado para aqueles que escorregaram no pecado: no lugar da nobreza angélica, inseriu na humanidade um modo de geração próprio das feras e dos seres irracionais.⁴⁸

Desta forma, a salvação do homem consiste na restauração da imagem de Deus que ele, pelo seu pecado, obscureceu.⁴⁹ Ora, esta salvação não se efetuará sem o esforço persistente da vontade humana. Porém, por se tratar de uma recriação, este processo também não se poderá concretizar sem o auxílio divino.⁵⁰ Com efeito, todo pecado nasceu do amor humano, que preferiu a criatura ao criador. Sendo assim, somente a íntima união da alma com Deus, pela caridade, poderá restaurar o homem decaído.⁵¹ O primeiro elemento constitutivo desta volta do homem para Deus é a fé; não qualquer fé, mas aquela fé que opera pela caridade, através da moral e da ascese.⁵²

⁴⁶ GREGÓRIO. *De Virginitate*. 12; 372 Ds. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103.

⁴⁷ GREGÓRIO. *A Criação do Homem*. XVI.

⁴⁸ *Idem. Ibidem*. XVII.

⁴⁹ GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 72: “O homem se salva, de fato, recuperando a semelhança a Deus, que o pecado não destruiu por completo, mas apagou.”

⁵⁰ *Idem. Ibidem*: “Já que se trata de uma espécie de recriação (a salvação do homem), a intervenção do criador é indispensável.” (O parêntese é nosso).

⁵¹ *Idem. Ibidem*: “Como todo mal provém de um descaminho do amor humano, que se desviou de Deus para a criatura, o remédio só pode consistir em restaurar essa união íntima do homem com Deus pelo amor (...).”

Ora bem, o primeiro fruto deste processo será a purificação da alma enquanto imagem de Deus.⁵³ Uma vez purificado, bastará ao homem conhecer-se a si mesmo para conhecer a Deus, pois, conhecendo-se a si mesmo, estará conhecendo a imagem de Deus que é.⁵⁴ Os graus supremos desta união são objetos da mística e se realizam no segredo da alma que está em Deus e na qual Deus também habita.⁵⁵ A respeito deste estado singular da alma unida a Deus, di-lo-á o próprio Gregório:

A meu ver tal estado outra coisa não é senão um festim contínuo e incessante na companhia exclusiva de Deus (...) Empregando uma expressão ousada, diríamos que então o homem talvez torne a ser arrebatado para aquele mesmo paraíso atingido por Paulo, que ali percebeu maravilhas inefáveis e contemplou coisas invisíveis, que a nenhum homem é concedido exprimir.⁵⁶

O corpo, por sua união com a alma, também precisará ser restaurado, pois também ele foi ferido pelo pecado. Ora, a restauração do corpo obedecerá à ordem inversa. De fato, se salva o corpo, antes de tudo, desvencilhando-o da consequência última do pecado, qual seja: a união carnal que se realiza no matrimônio. Por isso, conclui nosso teólogo: “E assim a razão nos ensina a deixar para trás, em primeiro lugar, esta estação (o matrimônio), que é de certo modo a última”⁵⁷.

Passemos às considerações finais deste trabalho.

⁵² *Idem. Ibidem.* pp. 72 a 73: “A fé é o primeiro momento dessa reunião do homem a Deus, mas a caridade que a acompanha exorta o fiel ao esforço de ascese moral e de contemplação que é a própria vida cristã.”

⁵³ *Idem. Ibidem.* p. 73: “O resultado desse esforço é uma purificação da alma e, por conseguinte, uma restauração da semelhança divina obliterada pelo pecado.”

⁵⁴ *Idem. Ibidem:* “Por isso, o cristão só precisa aplicar o conselho seguido outrora por Sócrates: ‘conhece a ti mesmo’, pois conhecer-se como imagem de Deus é conhecer a Deus.”

⁵⁵ *Idem. Ibidem:* “Quando essa semelhança se aproxima de seus graus supremos, a vida mística também começa a dar seus frutos mais felizes e belos: Deus está na alma e a alma está verdadeiramente em Deus.”

⁵⁶ GREGÓRIO. *Opif.* 376 C. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 104.

⁵⁷ GREGÓRIO. *Opif.* 376 A. In: PHILOTHEUS BOEHNER, Etienne Gilson. **História da Filosofia Cristã, Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7^{ed.} Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 103. (O parêntese é nosso).

Conclusão

O homem é o *elo entre dois mundos*: o sensível e o inteligível. Por seu corpo, encontra-se unido ao mundo sensível; por sua racionalidade, ao inteligível. É superior às plantas, que existem e vegetam, e aos animais, que existem, vegeta e sentem. Na verdade, a alma humana comporta todas estas perfeições e ainda a racionalidade. Ela existe, vegeta, sente e pensa e está toda presente, durante todo o tempo, em todo o corpo. A rigor, *a alma é um princípio que anima um corpo*. Não existe antes dele, pois isto daria vazão à tese da *transmigração das almas*, a qual é uma aberração não só do ponto de vista teológico, mas também filosófico, haja vista que é inadmissível a suposição de que uma alma humana possa ser *princípio de vida* para uma planta ou para um animal. Tampouco pode a alma passar a existir depois do corpo, visto que, sem a alma, não há um corpo organizado e sim um cadáver. Destarte, resta dizer que a alma passa a existir *simultaneamente* ao corpo e dele não se separa nem com a morte. De fato, embora a morte provoque a desintegração dos elementos que constituíam o corpo, a alma, por sua espiritualidade, mantém-se unida a eles em virtude de um dia terem constituído o corpo que ela animava.

Assim como a alma humana, em virtude da sua racionalidade, realiza uma função ordenadora em todo o corpo, percebemos no mundo uma ordem admirável, que não se explica, salvo se admitirmos a existência de uma inteligência ordenadora de todo o cosmo. A esta inteligência chamamos Deus. Desta maneira, da espiritualidade da alma humana inferimos a existência de Deus e da existência de Deus podemos deduzir a espiritualidade da alma humana. Contudo, é mister partirmos da criatura, isto é, da alma humana. Agora bem, nós temos um verbo, que expressa o nosso pensamento. Uma vez que já sabemos que Deus é uma inteligência, urge admitirmos que ele também possua um Verbo que expresse o seu pensamento. No entanto, este Verbo não é como o nosso, passageiro; antes, como expressão da própria substância divina, ele subsiste e, subsistindo, tem vontade; e, por se tratar de um verbo divino, esta vontade é boa e onipotente. Ademais, da mesma forma que o nosso verbo não se separa do nosso pensamento enquanto o exprime, o Verbo de Deus não deixa de ser Deus por expressá-lo. Além disso, quando proferimos um verbo, junto a ele emitimos um alento; ora, assim Deus, ao proferir o seu Verbo, emite também com ele um alento, que é o Espírito Santo. E como o nosso alento procede da unidade do nosso pensamento e do verbo que o expressa, assim o Espírito Santo procede da unidade do Pai e do Filho. Deste modo,

como Pedro, Paulo e Barnabé são três pessoas com uma só essência, a essência humana, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas em uma só essência, a *deidade*. A diferença consiste no fato de que Pedro, Paulo e Barnabé são três homens, enquanto o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus.

Deus criou todas as coisas do nada e, por isso mesmo, todas elas, inclusive o homem, são contingentes, ou seja, poderiam não existir e podem deixar de existir, são mutáveis. Ora, em virtude da sua racionalidade, o homem possui uma vontade, e, pelo próprio fato de ser ele um ser mutável, é livre para escolher entre o bem e o mal. Agora bem, o fato é que o homem escolheu o mal; aliás, como o mal não é um ente, mais exato seria dizer que o homem escolheu mal. Nisto consistiu o seu pecado, cuja principal consequência foi obliterar parcialmente a imagem de Deus em sua alma. A mancha do pecado repercutiu também no seu corpo, pois o corpo está indissolúvelmente unido à alma. Sendo assim, a salvação do homem, que reside na restauração desta imagem de Deus em sua alma, redundará também na restauração do seu corpo. Tal restauração ocorrerá somente pela sua reunião com Deus, a qual se dará pela fé e pela caridade. Seu apogeu, nesta vida, serão as doçuras e alegrias da mística.

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.

GREGÓRIO. **A Alma e a Ressurreição**. Trad. Bento Silva Santos. Rev. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **A Criação do Homem**. Trad. Bento Silva Santos. Rev. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **A Grande Catequese**. Trad. Bento Silva Santos. Rev. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **De Virginitade**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Macrina**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Opif**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Carlos Eduardo Silveira Matos São Paulo: Martins Fontes, 1995.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.